

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista no **Diário do Povo**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

234. FIM DESASTROSO DE UMA EXPEDIÇÃO

Duas grandes desvantagens enfrentou o Brasil na Guerra do Paraguai, circunstância que tem sido ignorada ou, pelo menos, omitida por quantos se comprazem em criticar o Império brasileiro, realçando o absurdo de um país gigantesco como o nosso ter levado quase seis anos para vencer o minúsculo Paraguai, e para tanto tendo ainda solicitado a colaboração de argentinos e uruguaios. Em primeiro lugar, o Império, na ocasião, não possuía exército permanente, ao contrário do Paraguai que o tinha e muito bem armado e adestrado. Daí, o apelo aos chamados "Voluntários da Pátria", que deram provas de grande coragem e heroísmo, mas totalmente desconhecedores da arte da guerra, bisonhos nas operações militares, incapazes de enfrentar as tropas aguerridas e bem treinadas dos paraguaios. E só com heroísmo ninguém vence guerra.

Em segundo lugar - e esta dificuldade talvez tenha sido maior ainda - a ausência total de comunicações internas, terrestres, entre as diversas partes do Brasil. Basta dizer, por exemplo, que quem, do Rio de Janeiro pretendesse ir a Mato Grosso, só poderia fazê-lo pelo Prata, através do rio Paraguai em quase toda a sua extensão, obrigado, portanto, a atravessar todo o território paraguaio para, depois, entrar novamente no Brasil. E no dia em que os paraguaios decidiram-se a fechar a navegação do rio a navios

brasileiros, Mato Grosso ficou completamente isolado do resto do Brasil. Puderam os paraguaios nele adentrar à vontade. E se mais não fizeram foi certamente porque não puderam.

Uma expedição mandada do Rio de Janeiro ao sul de Mato Grosso, por terra, levou quase dois anos de viagem. Foi o que aconteceu com a coluna que passou por Campinas em 1865. O caminho mais direto de Campinas para o sul de Mato Grosso seria obviamente pelo oeste de São Paulo, nas rotas que foram anos depois seguidas pelas ferrovias. Mas estas regiões eram, na época, completamente desconhecidas, não oferecendo nenhuma segurança a quem se dispusesse a percorrê-las. Não tiveram os expedicionários senão que perfazer o roteiro de Goiás, a rota tradicional das bandeiras do século XVIII, passando pelas duas Mogis, Casa Branca, França, Uberaba, até penetrar em território goiano, donde infletiram para oeste até alcançar a região do Coxim, ainda longe do "teatro da guerra", mas já em território matogrossense. Os expedicionários partiram de Campinas a 19 de junho de 1865 e só alcançaram a área das operações militares em outubro do ano seguinte.

Foi esta a expedição que se desastrou nos horrores da trágica retirada de Laguna, em maio e junho do ano seguinte. Dos dois mil e quinhentos homens que a compunham, apenas setecentos sobreviveram. Vitimados, além do incessante ataque dos paraguaios, pela adversidade do meio, pelas enchentes dos rios, pelas febres dela decorrentes, pelo cólera, acossados pela fome e pela falta de víveres e de munição, lutando o tempo todo em terreno bem familiar aos inimigos que, afinal, estavam "em casa", não houve senão que apelar para a retirada, que só não se tornou mais desastrosa ainda graças a um tropeiro mineiro (o famoso "Guia Lopes"), que heróica e taticamente conduziu nossas já dizimadas tropas por caminhos que só ele conhecia.

Esta trágica retirada encontrou quem a descrevesse com todo o realismo: um jovem oficial de engenharia, integrante do corpo expedicionário e que, mais tarde, viria a se tornar um dos nossos maiores escritores, o Visconde de Taunay. De seu importante livro cuidarei em próxima nota. 18-1-1991.

235. A RETIRADA DA LAGUNA

Publicado pela primeira vez em 1871, **A Retirada da Laguna** tornou-se o livro mais conhecido do Visconde de Taunay. Oferecia a grande vantagem de ser um livro "vivido" pelo autor, o qual, jovem de pouco mais de vinte anos, e no início de sua carreira, integrou o corpo expedicionário que sofreu os horrores da famosa e trágica retirada já relatada em nota anterior. Alcançou numerosas edições e eu me lembro de quando o li pela primeira vez. Deveria andar pelos 12 para 13 anos, época em que os meninos de minha geração iniciavam-se nas clássicas leituras, tanto de autores brasileiros como estrangeiros. Lia-se muito no meu tempo. Não havia, na época, tanta coisa a desviar a atenção de um jovem, como hoje ocorre. A leitura era, então, o entretenimento preferido, freqüentemente recomendada e estimulada pelos professores desde o grupo escolar. E quanto à **Retirada da Laguna**, posso dizer que levava a palma entre os livros preferidos. Com o tempo, seu interesse foi-se reduzindo, embora continue sendo editado.

O que talvez nem todos saibam - e aqui fica a informação -, é que o famoso livro do Visconde de Taunay foi escrito e publicado originalmente em francês: **La Retraite de Laguna**. Atribui-se ao Visconde do Rio Branco a sugestão ao jovem autor para que o escrevesse em francês, "para que rapidamente se pudesse divulgar pela Europa tão notável documento do heroísmo brasileiro". Publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro, já a segunda edição saía em Paris pela famosa editora Plon. E o êxito que alcançou na França foi enorme, como o provam as várias edições tiradas, chegando até a ser recomendado como livro de leitura nas escolas militares francesas.

Os prefácios de Xavier Raymond e Ernest Aimé, que figuram nas edições francesas, são muito significativos, notadamente o deste último, escrito quando a França ainda se ressentia do desastre da guerra franco-prussiana: "Não receiamos predizer à **Retirada da Laguna** imenso êxito na França, e disto nos alegramos, pois poderá despertar entre nós este generoso patriotismo, cuja ausência na França constituiu o maior triunfo da Prússia na guerra de 1870. Se as nossas tropas tivessem conservado este espírito de disciplina que admiramos nos heróis brasileiros (...) não estaria a nossa história maculada por humilhações desconhecidas de nossos pais".

Quando apareceu a primeira edição brasileira, contava já **A Retirada da Laguna** mais de trinta anos e com uma história editorial bem intensa. Os primeiros a traduzí-la foram Salvador de Mendonça e o Barão de Ramiz Galvão. Só em 1925 (data do prefácio) apareceria a tradução de Afonso de Taunay, filho do autor. Para esta tradução, da qual saíram numerosas edições, o ilustre historiador acrescentou valiosa documentação, o que veio tornar o livro não apenas um relato da trágica retirada, mas também uma obra de consulta, ainda ilustrada com numerosas fotografias, plantas e clichês das operações militares.

Convém lembrar que do livro famoso existem traduções em espanhol, alemão e sueco. E as edições até agora publicadas, em português, somam dezoito, o que, realmente, é significativo para um livro desta natureza. A última, das Edições Melhoramentos, data de 1975, integrando a coleção "Memória Brasileira". Não será exagero considerar **A Retirada da Laguna** a obra-prima de nossa literatura militar. 25-1-1991.

*

236. CAFÉS DO RIO DE JANEIRO

Não houve cronista do Rio de Janeiro que não se ocupasse, mais ou menos demoradamente, dos tradicionais cafés, que tanto realce davam à vida boêmia da antiga capital do País. E desde o século passado. Romancistas que fizeram seus personagens atuarem na grande cidade, ocuparam-se dos cafés, como traço significativo da paisagem urbana da capital. O sr. Danilo Gomes, não tendo conhecido a época áurea dos cafés, que chegou até a década de 1940, decidiu-se a escrever a crônica de quase uma centena deles, num levantamento precioso e bem documentado, que traz excelentes recordações àqueles, como o autor desta nota, que ainda os conheceram, embora já na fase final, quase decadentes.

É o próprio autor quem honestamente confessa: "Não vi nem presenciei nem muito menos freqüentei quaisquer dos cafés arrolados. Tudo o que está neste livro advém de várias fontes, que fui reunindo, ordenando e costurando..." Abre uma exceção apenas

para o "Amarelinho", hoje mais bar-restaurant do que propriamente café... (Antigos cafés do Rio de Janeiro. Rio, Kosmos, 1989).

Muitas páginas são dedicadas ao famoso "Cafedório". Mas não explicam o nome. Dizem apenas que resultou da inventiva gaiata de algum freguês bem humorado. Pode ter sido. Mas a explicação é simples: na tabuleta indicativa do nome do estabelecimento, as letras, todas maiúsculas, estavam muito juntas, como se fosse uma só palavra e resultado nisto: CAFEDORIO. Daí o carioca apelidá-lo de "Cafedório" foi só um passo...

É difícil descrever a alguém que os não tenha conhecido como eram os cafés "fluminenses" (como então se dizia), por mais que leiamos os cronistas antigos. Os cafés constituem uma das muitas coisas que desapareceram da vida moderna, pelo menos no Brasil. Algumas capitais europeias conservam a tradição dos cafés. Entre nós, não há mais lugar para eles. O hábito das lancherias (tolamente denominadas "lanchonetes", palavra que não significa nada...) fez com que hoje nem se tenha onde sentar para tomar qualquer coisa. Tem que ser de pé ou, quando muito, num banquinho junto ao balcão... É a volúpia da pressa, para que se não perca tempo. Mas se perguntar a alguém o que ele vai fazer com o tempo que procura ganhar, certamente não saberá dizer...

Por tudo isto é o que livro como este que me apraz registrar, além das saudades que evoca e do clima que procura reconstituir, contribui para o conhecimento de um aspecto muito significativo da vida de nossa antiga capital. O autor indica com precisão as fontes utilizadas: Luís Edmundo, Moreira de Azevedo, Noronha Santos, Roberto Macedo, enfim, todos quantos escreveram sobre o Rio antigo. Mas alguns também sobre o Rio moderno. Não nos esqueçamos, por exemplo, de Nestor de Holanda, com suas deliciosas Memórias do Café Nice. 16-2-1991

*

237. "OS SANTOS QUE ABALARAM O MUNDO"

Difícil, imaginar alguém que, quando do seu aparecimento há quase meio século, não tenha lido o livro cujo título tomo

emprestado para esta nota, do escritor húngaro René Fülöp-Miller, na tradução de Oscar Mendes para a coleção "O Romance da Vida". da Editora José Olympio. Concluindo o magnífico prefácio que escreveu para o "leitor moderno", explicou o autor por que, dentre os 25 mil santos reconhecidos pela Igreja, apenas cinco foram escolhidos para o seu livro: "São os cinco a quem a renúncia, a inteligência, o amor, a vontade e o êxtase habilitaram a dedicar-se a imitar o Cristo e a servir de guia no caminho para a perfeição humana". E o leitor não terá dificuldade em descobri-los: Antônio, Agostinho, Francisco de Assis, Inácio de Loyola e Teresa de Ávila.

Suas vidas contém "uma mensagem de beleza e de esperança", pois "todos os nossos tesouros culturais, os valores eternos e ideais do progresso moral, de caridade, de amor e de justiça, nossa apreciação da arte e o sentimento que temos da grandeza do mundo natural são expressões duma forma de energia criadora que tem seu foco nas vidas dos santos e delas se irradia".

E se o leitor quiser saber o motivo desta evocação aparentemente tardia e extemporânea de livro tão antigo (e que talvez nem mais se reedite), mas que teve sua época, a resposta é simples: neste mês de março (dia 17) transcorre o centenário de seu autor. Nascido na Transilvânia, região então pertencente ao Império Austro-Húngaro, mas de formação alemã, René Fülöp-Miller interessou-se inicialmente pelas ciências biológicas e particularmente pela psiquiatria, mas logo descobriu que sua verdadeira vocação estava no jornalismo e na literatura. E no campo literário, consagrou-se especialmente a biografias e temas históricos em geral.

Do muito que escreveu, além de Os santos que abalaram o mundo, diversos outros encontram-se traduzidos: Os jesuítas e o segredo de seu poder, Leão XIII e o nosso tempo, Lênine e Gândi, Rasputin e as mulheres e provavelmente algum outro. Seu interesse pela cultura russa, que o levou a cuidar de Rasputin e de Lênine, levou-o também a publicar diversas obras póstumas de Dostoiewsky e de Tolstoi.

Ao falecer em 1963, contava pouco mais de 70 anos, mais de 50 dedicados à literatura, deixando considerável bagagem, mas, a exemplo de tantos outros escritores de sua geração, e alguns até

mais significativos que ele, passou de moda, tornando-se praticamente esquecido e conseqüentemente desconhecido das novas gerações. Entretanto, uma releitura (ou leitura) de alguns de seus livros não faria mal a ninguém. Especialmente um deles, que poderia se revestir de grande atualidade neste ano em que se comemora o centenário da *Rerum Novarum*: o seu estudo sobre **Leão XIII e o nosso tempo**. Certamente o "nosso tempo" do título não se adequaria aos tempos de hoje. Mas atenderia ao conhecimento de um "tempo histórico", que não podemos ignorar, pois é indispensável ao bom entendimento da História. 15-3-1991.

•

238. O CRIADOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Nome dos mais expressivos dentre os inúmeros estrangeiros que se puseram a serviço do Brasil na segunda metade do século XVIII é o alemão João Henrique Boehm, nascido em Bremen a 20 de junho de 1708 e falecido no Rio de Janeiro a 22 de dezembro de 1783. Diversos estudiosos de nossa história militar dele se ocuparam (Francisco de Paula Cidade, Lucas Alexandre Boiteux, Souza Docca, Simões de Paula...), como também dele se ocuparam quantos cuidaram das relações teuto-brasileiras (Sommer, Oberacker, Abeillard Barreto...). Este último arrolou quantidade considerável de originais deixados pelo ilustre militar, todos redigidos em francês, além de numerosa correspondência com o Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil na época de maior atividade de Boehm. Todos os que dele cuidaram salientam as qualidades que lhe propiciaram a qualificação de verdadeiro criador do Exército Brasileiro.

O mais importante de seus trabalhos e o único até agora publicado na íntegra, intitula-se *Memoires relatifs a l'expédition au Rio Grande, de laquelle je fus chargé par le roi dom José I*, escrito em forma de relatório ao Marquês de Lavradio. A publicação deste extenso texto no original francês (229 páginas) foi promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, ocupando quase todo o

volume terceiro dos "Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande", Rio de Janeiro, 1979.

Boehm não era escritor de mérito e o seu francês deixa muito a desejar. Conseqüentemente, a leitura de sua extensa "Memória" não é fácil. Mas o relato é rico de informações, não apenas da parte militar, obviamente a prioritária, mas igualmente nos aspectos humanos e sociais das regiões que percorreu, o que vale dizer todo o sul do Brasil.

As dificuldades da leitura do texto de Boehm devem ter sido bem sentidas pela historiadora catarinense Maria Regina Boppré, que teve a feliz idéia de traduzir a parte relativa à Ilha de Santa Catarina do importante relato, que se tornou, assim, a única porção traduzida das extensas *Memoires* do militar alemão. Sua tradução encontra-se em *Notícia Bibliográfica e Histórica*, publicação de nossa Puccamp, n° 134, de 1989.

Depois de afirmar ser o texto "escrito num francês não muito correto, o que se explica por não ser o autor de nacionalidade francesa", Maria Regina Boppré assim encerra seu trabalho: "A correspondência oficial do Barão de Boehm com o vice-rei Marquês do Lavradio, como vimos, deixa transparecer uma narrativa ágil, realista e detalhada até a minúcia, de sua expedição. O estilo ressalta pela sua elegância e bom humor que não vacilamos em qualificá-lo de aristocrático. Realismo, crítica e bom humor que não pendem, porém, como em outros viajantes, para a deformação e o sarcasmo. Ao contrário, faz-se acompanhar de um senso humano solidário e simpático para com os pobres pequenos camponeses que ficam à margem e no pano de fundo de sua épica jornada". 5-4-1991.

*

239. UM GRANDE ANDRADA

O falecimento, há cerca de um mês, na capital paulista, do historiador, professor e acadêmico Raul de Andrada e Silva privou São Paulo e o Brasil de um dos seus mais expressivos valores morais e culturais. Pertencia à Academia Paulista de Letras, à Academia Paulista de História e aos Institutos Históricos Brasileiro e de São

Paulo. Integrou por mais de 20 anos o corpo docente da Escola Preparatória de Cadetes, inclusive acompanhando-a na sua transferência de São Paulo para Campinas. Porém, sua vinculação com nossa cidade não decorreu apenas do magistério na grande instituição do Chapadão, mas, igualmente, da colaboração com que, por muitos anos, honrou o curso de História de nossa Universidade Católica, participando ativamente das "Semanas de Estudos Históricos" que anualmente aqui eram realizadas. Eram freqüentes suas vindas a Campinas, onde contava com numerosos e excelentes amigos.

Embora diplomado também pela Faculdade de Direito, sua verdadeira vocação foi sempre o magistério, que começou a exercer ainda bastante jovem, em renomados estabelecimentos da Capital, como, entre outros, o antigo "Franco-Brasileiro" (o "Pasteur" dos nossos dias), o "Rio Branco" e o "Mackenzie". Daí, seu interesse em freqüentar uma faculdade que o habilitasse à especialização nas matérias que lecionava, o que o levou a procurar a seção de Geografia e História da então recém-criada Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, pela qual se licenciou e à qual retornou, muitos anos mais tarde, como professor do Departamento de História, função em que permaneceu até à aposentadoria. Foi aí que nos conhecemos, início de uma fraterna amizade que durou mais de meio século, "amigo de todos os minutos e irmão de ideais comuns", como generosamente escreveu na dedicatória com que me ofereceu um de seus livros.

Sua produção não é numerosa, mas sempre marcada pela mais alta qualidade. Alguns exemplos: o "breve estudo comparativo" entre o regime feudal e as capitânicas hereditárias; o trabalho pioneiro sobre a função industrial de Santo André; a análise do pensamento político e social de José Bonifácio; as numerosas contribuições com que honrou os congressos e simpósios de que participou; o ensaio sobre a evolução urbana de São Paulo (do qual tive a honra de ser co-autor) e o admirável ensaio sobre a ditadura no Paraguai, no qual estudou particularmente as relações comerciais do Brasil com o país vizinho ao tempo do doutor Francia, originalmente sua tese de doutoramento, apresentada já nos últimos anos da carreira universitária.

De tradicionais famílias (dos dois lados), era trineto do Patriarca da Independência, bisneto de Martim Francisco e neto do segundo José Bonifácio (cognominado "o moço") e, pelo lado

materno, era neto de Caetano de Campos, o grande reformador do ensino paulista no início da República, patrono do mais importante estabelecimento de ensino normal do Estado, a tradicional Escola Normal da Praça da República. Nascido aos 25 de maio de 1905, faleceu duas semanas antes (11 de maio) de completar seus 86 anos.

Teria assunto para um livro se me dispusesse a evocar todo o nosso relacionamento ao longo destes 55 anos. Não o podendo fazer, registro aqui esta palavrinha de saudade, não só minha e de minha família, mas - creio poder falar por eles - de todos os seus amigos de Campinas. 7-6-1991.

*

240. ADMIRÁVEIS ITALIANOS

Fixando-se em Poços de Caldas, em 1965, para a fundação de uma cristaleria (velha tradição de sua Murano natal), o sr. Mário Seguso teve logo sua atenção voltada para a marcante presença italiana na comunidade em que passou a viver. Verificou de imediato que muitos dos operários empregados em sua indústria eram descendentes de antigas famílias italianas radicadas em Poços de Caldas praticamente desde o início da cidade.

Assim, paralelamente às suas atividades de industrial e, naturalmente, sem prejuízo delas, pôs-se a pesquisar sobre os "admiráveis italianos" que viveram na bela estância no período de 1884 a 1915, "especialmente aqueles que vieram para ajudar o crescimento de Poços, contribuindo com seu trabalho, suor e dignidade", como pertinente e gentilmente escreveu na dedicatória com que me ofereceu seu livro. Livro que representa, realmente, uma exaustiva pesquisa e que toca muito de perto a quem, como o autor destas linhas, viveu algum tempo de sua adolescência na bela cidade, pois embora se refira a um período anterior ao meu nascimento, encontrei ainda os "ecos" de quase tudo quanto vem relatado nessas páginas evocativas de um passado tão significativo e sem as quais ficaria incompleta a história poçoscaldense. Nelas, está muito do cotidiano da cidade.

Foi pena que o autor não se estendesse mais sobre a curiosa figura de Teresina Carini, "mulher inteligente, atormentada pelas injustiças sociais que a levaram a participar, quando ainda em São Paulo, de todos os movimentos em defesa da classe operária". É verdade que dela se ocupou demoradamente Antônio Cândido na primeira parte de seu livro *Teresina etc* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980). O ilustre crítico e professor de Literatura, que viveu toda a sua infância e adolescência em Poços de Caldas, na realidade nunca se desligando da cidade, teve oportunidade de conhecer Teresina Carini, guardando dela numerosas cartas e depoimentos, como registra em seu livro.

Mário Seguso, não tendo conhecido a expressiva figura (falecida em 1951), confessa mesmo não lhe constar que ela tivesse grande participação política na cidade, nos muitos anos em que viveu em Poços, já que "as características turístico-termais e o pequeno número de habitantes a isentavam dos graves problemas que proliferavam nas grandes cidades industriais". É claro que esta lacuna (na realidade, nem chega a ser uma lacuna) não invalida, nem diminui o interesse e o mérito do livro. É inegável seu valor como retrato de uma fase da vida de Poços.

As pesquisas realizadas para um levantamento por assim dizer ocupacional dos italianos em Poços de Caldas nos fins do século passado e início do atual são de muito interesse para o conhecimento da estratificação social da cidade. O que se verifica, contudo, é que, sob este aspecto, a originalidade de Poços acentua-se bastante, pois ocorrências idênticas ou quase podem ser encontradas em outras cidades onde o elemento italiano marcou acentuadamente a paisagem urbana. Isto significa que nessas outras cidades poderiam ser feitos trabalhos similares ao de Mário Seguso sobre os "admiráveis italianos" de Poços. O dia em que nessas outras cidades, onde também viveram "admiráveis italianos", aparecerem pesquisadores dispostos a estudá-los, isto em muito virá contribuir para o "resgate da memória", de que tanto se fala hoje. 5-7-1991.